



Abílio Adriano de Campos Monteiro nasceu em 7 de Março de 1876, na vila de Torre de Moncorvo. Foi baptizado na Igreja Matriz daquela vila em 10 de Abril do mesmo ano. Era filho de José Carlos Monteiro, natural de Chaves, e Maria Joaquina de Campos, mas foi residir com apenas oito anos de idade para Ponte de Lima, onde o seu tio paterno Júlio César Monteiro era escrivão da Fazenda. A este tio, pessoa ilustrada e muito das relações da intelectualidade de Ponte de Lima, que teve um papel importante na educação do sobrinho, chamou Campos Monteiro afectuosamente o seu “segundo pai”.

Nessa vila, o pequeno Abílio Adriano acompanhava com frequência o seu tio aos serões da Assembleia, um clube local de elite, onde convivia com a sociedade limiana e onde certamente a sua vocação literária (que já se começara a manifestar) terá recebido um forte estímulo, sobretudo da parte do poeta parnasiano António Feijó, natural de Ponte de Lima e então ainda residente na vila, onde advogava, antes de em 1886 iniciar a sua brilhante carreira diplomática, primeiro no Brasil e depois na Suécia, e também do 1º Conde de Aurora, pai de um escritor com algum renome, o 2º Conde de Aurora.

Campos Monteiro, que tinha feito o exame de instrução primária elementar ainda em Moncorvo, prosseguiu estudos num colégio de Ponte de Lima e mais tarde em Viana do Castelo, em cujo liceu concluiu em 1891 os preparatórios para a Universidade, após o que se matriculou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde completou o curso de Medicina em 1902.





Monárquico convicto, desenvolveu por essa altura alguma actividade política, tendo sido nomeadamente administrador do concelho da Maia ainda em plena Monarquia. Com a implantação da República, abandona um tanto essa actividade, mas em 1918 é eleito deputado monárquico pelo distrito do Porto. No rescaldo dos acontecimentos de 1919, frustrada a tentativa restauracionista de Paiva Couceiro, foi exonerado de um partido médico de Matosinhos. A partir de então, a sua acção política resume-se à escrita, sendo de destacar a obra *Saúde e Fraternidade*, de 1923, uma violenta sátira anti-republicana e anti-bolchevista.

Estabeleceu residência em São Mamede de Infesta, Matosinhos, onde nasceram os seus quatro filhos, Celeste, Ofélia, Germano e Heitor (estes dois últimos viriam a dedicar-se igualmente à escrita e ao jornalismo), do seu matrimónio com Dona Olívia Barros Coutinho, com quem casara em 1897. Aí, desiludido com a política e os políticos, se dedicou exclusivamente à actividade de médico, escritor polígrafo e tradutor. Ele próprio escreve: “Desde então não se comeu à minha mesa outro pão que não fosse ganho pela minha pena: formulando récipes ou escrevendo crónicas e livros.” Fez da sua casa o seu mundo, como aliás o seu ex-libris atesta: *Domus mea est orbis meus*.

A sua actividade de escritor foi intensa e variada. Para além de mais de três dezenas de títulos em livro, escreveu cerca de uma centena de prefácios e inúmeras crónicas na imprensa, quer em jornais de âmbito regional, quer nacional. Merecem destaque as saborosas crónicas (Campos Monteiro tinha uma pronunciada costela de humorista) publicadas no *Jornal de Notícias*, que seriam reunidas num volume intitulado *A Oito Dias de Vista*. Não só colaborou na imprensa como fundou algumas publicações. Ocupou-se também na tradução de diversos originais franceses e espanhóis.

Para além da já citada obra *Saúde e Fraternidade*, que chegou a tirar 40.000 exemplares, em edições sucessivas, e que foi, segundo Aquilino Ribeiro, um dos dois livros que maior êxito de vendas alcançaram no primeiro quartel do séc. XX, são especialmente conhecidos e apreciados três romances (*Miss Esfinge*, de 1921, *Camilo Alcoforado*, de 1925, e *As Duas Paixões de Sabino Arruda*, de 1929), todos de matriz camiliana (de resto, o próprio Camilo Castelo Branco entra como personagem no segundo daqueles romances), e uma





colectânea de contos intitulada *Ares da Minha Serra*, de 1933. Escreveu também poesia (*Versos Fora de Moda*, de 1915, *Musa Irónica*, de 1924, *Santa Olívia*, poema dramático de 1928, e *Raio Verde*, *Últimos Versos*, de 1933) e teatro, sem contudo alcançar nestes campos a projecção que conheceu como romancista e autor de crónicas.

Faleceu em 4 de Dezembro de 1933 (e não 1934, como por vezes se lê em alguns lugares), na sua residência de S. Mamede de Infesta. A sua terra natal consagrou-lhe um monumento, erigido por subscrição pública lançada pouco tempo decorrido sobre a sua morte. Trata-se de um busto da autoria do escultor Sousa Caldas, colocado no largo fronteiro à Câmara Municipal, que recebeu também o seu nome (chamava-se anteriormente Largo do Castelo). O busto foi inaugurado em 1938.

* * *

Em termos de ligações de Campos Monteiro a Vila Real, referiremos duas situações ocorridas entre 1923 e 1924.

Em 1923, ano da morte de Guerra Junqueiro, Campos Monteiro publica *Saúde e Fraternidade* — história fictícia de acontecimentos políticos em Portugal entre Agosto de 1924 e Novembro de 1926 —, na Livraria Civilização Editora, do Porto, que foi um grande sucesso de vendas. Trata-se de uma sátira política escrita por alguém que, além de médico e escritor, se envolveu na política, nomeadamente no período em que a Junta Militar do Norte proclamou a Monarquia, e tinha uma visão muito negativa da evolução do regime republicano, que nesse livro satiriza, efabulando que se viriam a constituir em Portugal governos radicais e de soviets, e que a Monarquia seria restaurada em 15 de Novembro de 1926. A obra recupera a tradição monárquica das províncias do Minho, Trás-os-Montes (que designa por Kropotkine) e Beiras. Nesta ficção política, onde surge uma Junta Revolucionária, um Exército Vermelho e um Alto Conselho dos Soviets, é narrada a tomada de Vila Real pelas forças monárquicas, com o apoio dos camponeses de Constantim, Arroios e Mateus. É igualmente descrito um acto eleitoral de que sai uma Assembleia Nacional, onde estão representadas figuras de Vila Real ou com ela relacionadas, nos diferentes grupos parlamentares: a poetisa Maria Feio (filha de uma outra poetisa vila-realense, Catarina Máxima Feio de Figueiredo) no grupo feminista; o Gen. Alves Roçadas, herói das campanhas de





pacificação do sul de Angola, no grupo dos republicanos conservadores; o Dr. Nuno Simões, que foi governador civil de Vila Real (que tinha por ele grande apreço, a ponto de o fazer Cidadão Honorário em 1971), a quem se deve a ideia dos Congressos Trasmontanos, no grupo dos republicanos independentes; e, no grupo dos radicais, o Coronel Manuel Maria Coelho, de Chaves, militar do 31 de Janeiro, que mais tarde seria presidente do Conselho de Ministros e tinha desempenhado funções em Vila Real como militar, ao mesmo tempo que se dedicava ao jornalismo e à propaganda republicana, e que Vila Real muito acarinhou aquando da sua deportação para Angola.

O Povo do Norte publica entre 16 de Fevereiro de 1923 e 1 de Junho de 1924 regularmente textos de Trindade Coelho (escritor a quem dedicámos o serão anterior), intitulados “À Lareira” (que constituem parte de um conto de Os Meus Amores), bem como crónicas e cartas semanais do Porto e posteriormente de Bragança da autoria de Manuel Cardona, professor liceal que mais tarde se viria a radicar em Vila Real. No mesmo jornal, em 22 de Julho de 1923, lê-se uma referência onde se transcreve um artigo do Comércio do Porto sobre a saída do livro de poemas Cantares da Serra, de sua autoria, onde se alude ao parentesco não só de sangue mas também espiritual entre Campos Monteiro e Manuel Cardona, que eram igualmente grandes amigos, conservando os filhos de Manuel Cardona os livros de Campos Monteiro, autografados com dedicatórias muito afectuosas.

A não haver outra razão, esses laços familiares, essa afinidade espiritual e essa amizade entre Manuel Cardona e Campos Monteiro podem estar na origem da colaboração dada pelo escritor moncorvense a um serão de arte, que teve lugar em Vila Real, em 17 de Maio de 1924, em benefício do Hospital da Misericórdia, e foi repetido com pequenas alterações no dia 24 do mesmo mês, desta feita em benefício do Asilo da Infância Desvalida de Vila Real.

Para o primeiro destes serões, veio do Porto um professor do Liceu, Dr. Rodrigo Fontinha, que fez o discurso de abertura. Veio também a cantora lírica Judite Lima, muito apreciada em Vila Real. Pelos académicos Alberto Cabral Guerreiro e Sebastião da Nóbrega Pinto Pizarro foram recitadas duas poesias de Campos Monteiro. O primeiro leu “Celeste”, poema dos Versos Fora de Moda dedicado a uma filha do autor; o segundo leu “A Eterna Verdade”, soneto inédito e expressamente escrito para este acto de beneficência, que apareceu publicado no programa do serão (que distribuámos em fac-símile).

